

Diário Carioca

Rio de Janeiro, Domingo, 10 de Junho de 1951

A NOVA POESIA BRASILEIRA

REUNINDO em suas páginas mais de vinte poetas da nova geração, alguns já amplamente conhecidos do público brasileiro e a maior parte deles apreciada apenas em pequenos círculos de província, acaba de sair um "Panorama da Nova Poesia Brasileira", organizado por Fernando Ferreira de Loanda e editado pela revista "Orfeu", publicação aliás que há alguns anos desempenhou um denso papel de divulgação de autores novos e promoveu mesmo alguns choques com elementos da velha geração. Sai esta antologia precisamente no momento em que o crítico literário do DIÁRIO CARIÓCA, o sr. Sérgio Buarque de Holanda, por sinal um dos maiores ensaístas revelados pelo movimento modernista de 1922, iniciou em nossas colunas sucessivos estudos sobre a nova poesia, tratando-a com uma seriedade e um aprofundamento que não deixam mais dúvidas sobre a existência de um novo estágio da sensibilidade poética brasileira.

A antologia em apreço oferece



Léo Ivo

Entrevista com Léo Ivo Sobre a Antologia de Novos - A "Tabela Única" do Modernismo

ao observador uma ocasião para ter uma visão de conjunto dos poetas representativos desse estágio. Há poetas de todos os tipos: alguns, severos e de cristalina fatura, como João Cabral de Melo Neto; outros, místicos, como Marcos Konder Reis; diversos, românticos, como Domingos Carvalho da Silva, etc.

A reportagem deste suplemento procurou ouvir, sobre este lançamento da revista "Orfeu", o poeta Léo Ivo, que, no Museu de Arte Moderna, de São Paulo, pronunciou, há dois anos, uma conferência intitulada "A Geração de 1945", na qual expôs os rumos poéticos de seus companheiros agora reunidos no "Panorama da Nova Poesia Brasileira".

APÓS A TABELA ÚNICA DO MODERNISMO

— Não tenho dúvidas de que há uma nova poesia brasileira, mesmo porque fazer "nova poesia" não foi um privilégio da tabela única de 1922.

E como todos os movimentos, forma-se um verdadeiro baralho de sensibilidades, personalidades e influências. As relações entre esta nova poesia e os que a antecederam são evidentes, e também não poderiam deixar de existir, mesmo porque as inovações estéticas decorrem justamente de um patrimônio artístico recebido e transfundido. O que mais me agrada neste "Panorama da Nova Poesia Brasileira" é a sua desigualdade, a marca de algumas fortes individualidades em face a outros representantes ainda in-

guros. Não é possível exigir-se, dos 23 poetas reunidos no "Panorama", que sejam grandes, mesmo porque o modernismo, de 1922 até 1951, só deu uns dez verdadeiramente grandes. O resto apoia-se nessas grandezas que voltaram ao soneto "como a ave que volta ao ninho antigo depois de um longo e tenebroso inverno". E esta diversidade de pesquisa do fenômeno poético tem um sentido altamente elucidativo numa época em que os críticos falam de "forma" como quem descobriu a bomba atômica. Isto porque toda a poesia tem a sua forma que, reparada de mais perto, é o seu fundo. E não se pode exigir de um poeta senão a sua própria forma, a sua maneira de existir, transformado em linguagem.

NINGUEM NASCE SOZINHO

— Indagamos de Léo Ivo se não achava que os poetas incluídos no "Panorama da Nova Poesia Brasileira" traíam em sua maior parte a marcante influência dos processos do modernismo.

— Claro. Ninguém nasce sem pai e sem mãe, neste mundo. Contudo, excetuando-se os aspectos nativistas e regionais, o modernismo também trai profundas influências da poesia francesa daquela época. Murilo Mendes, por exemplo, pode ser estudado em função direta dos poetas "iluminados" europeus e dos supra-realistas. E o versolibrismo de 1922 não foi descoberto pelos nossos poetas, senão importado da mesma maneira como hoje os jovens poetas brasileiros vão beber num T.S.



Sergio B. de Holanda

Eliot, num Auden ou num Paul Eluard, a cuja progênie estética pertencem, alguns por engano, pois seus verdadeiros pais são outros.

O ESFORÇO EDITORIAL

Finalizando suas declarações, acentuou Léo Ivo:

— O desconhecimento dos novos é em grande parte decorrente das dificuldades editoriais que caracterizam atualmente a vida cultural brasileira. Este empecilho não mereceu ainda a importância que possui, e a iniciativa de "Orfeu" constitui sem dúvida uma vitória, que não teria sido conseguida sem a dedicação do sr. Fernando Ferreira de Loanda, que, aliás, não é brasileiro, e sim português, nascido na colônia africana de Loanda. Coube, portanto, a um africano (branco) revelar, em conjunto, a nova poesia brasileira.